

# Estados Unidos, a grande influência

A influência das universidades americanas sobre o pensamento econômico brasileiro é indiscutível. Dos 29 economistas que com mais freqüência escreveram em revistas nacionais especializadas, entre 1980 e 88, 19 fizeram Doutorado nos Estados Unidos. Das dez escolas mais procuradas, as vedetes para os economistas são o Massachusetts Institute of Technology (MIT), a Ohio State University e a Harvard University.

Esses dados estão na tese "O Periódico Científico Como Veículo de Comunicação do Conhecimento Entre os Pares: O Caso da Ciência Econômica no Brasil", de Dely Bezerra de Miranda, do Instituto de Economia Industrial da UFRJ. A Inglaterra ainda desperta certo interesse nos economistas brasileiros que procuram, sobretudo, as Universidades de Reading e Oxford.

A maioria dos economistas é das classes média e média alta. Como aqueles que, para fazer 17 a 20 créditos na PUC do Rio, pagam 173,68 BTNs (Cr\$ 7.248,36). Segundo dados do Sindicato dos Economistas do Rio, o piso da categoria é de 4,6 salários-referência, ou seja, Cr\$ 5,4 mil. E mesmo no BNDES — que tem 175 economistas, entre seus 1.400 funcionários — o piso inicial é de dez salários mínimos (Cr\$ 36,7 mil). Valor que está um pouco longe do recebido pelos economistas da equipe do Governo. O salário da Ministra Zélia Cardoso de Melo, por exemplo, chega a Cr\$ 229.739,62 mensais.

Apesar dos economistas estarem na "boca do povo", vem caindo o interesse dos estudantes pelos cursos de Economia: a relação candidato/vaga para o Vestibular da UFRJ/Uerj deste ano ficou em 6,23%, enquanto há dez anos este índice era de 15,83%.